

DA AUSÊNCIA À PROPOSIÇÃO: A FORMAÇÃO DO GRUPO CALUNDU¹

Adélia Regina da Silva Mathias²

Ariadne Moreira Basílio de Oliveira³

DOI: <https://doi.org/10.26512/revistacalundu.v5i2.41404>

Resumo: O artigo tem por objetivo apresentar a trajetória do Calundu - Grupo de Estudos sobre Religiões Afro-Brasileiras, iniciada graças à carência de produções acadêmicas, à limitada oferta curricular das universidades, assim como à necessidade de se estabelecer uma comunidade acadêmica capaz de refletir sobre os anseios de integrantes de religiões afro-brasileiras que também são acadêmicos. O grupo está em expansão e busca se integrar, cada vez mais, à comunidade afroreligiosa através da atividade universitária de extensão, exemplificada pelas edições dos Diálogos Calunduzeiros e da revista Calundu. No cerne do Calundu está a proposta de contribuir para a produção de saberes a partir de uma perspectiva desde dentro dos terreiros para combater estereótipos advindos de racismo, sexismo, machismo, misoginia, etarismo, preconceito de classe etc. assim como a intersecção entre todos eles. Este artigo compõe a edição de comemoração de 5 anos da Revista Calundu e do Grupo Calundu.

Palavras-chave: Grupo Calundu. Trajetória. Religiões afro-brasileiras. Universidade.

Resumen: El artículo tiene como objetivo presentar la trayectoria de Calundu - Grupo de Estudio sobre Religiones Afrobrasileñas, iniciada gracias a la falta de producciones académicas, el currículo limitado que ofrecen las universidades, así como la necesidad de establecer una comunidad académica capaz de reflexionar sobre las aspiraciones de miembros de religiones afrobrasileñas que también son académicos. El grupo se está expandiendo y busca integrarse cada vez más con la comunidad afro-religiosa a través de la actividad de extensión universitaria, ejemplificada por las ediciones de Diálogos Calunduzeiros y la revista Calundu. En el corazón de Calundu está la propuesta de contribuir a la producción de conocimiento desde una perspectiva desde el interior de los terreiros para combatir los estereotipos derivados del racismo, sexismo, machismo, misoginia, discriminación por edad, prejuicio de clase, etc. así como la intersección entre todos ellos. Este artículo es parte de la edición que conmemora los 5 años de Revista Calundu y Grupo Calundu.

Palabras clave: Grupo Calundu. Trayectoria. Religiones afrobrasileñas. Universidad.

¹ Artigo derivado do trabalho realizado pelo Grupo Calundu e de seu projeto de extensão.

² Doutoranda na Johannes Gutenberg-Universität Mainz (universidade) Fachbereich Translations-, Sprach- und Kulturwissenschaft (FTSK) (departamento). Endereço eletrônico: adeliamathias@gmail.com.

³ Mestra em Direitos Humanos e Cidadania pela Universidade de Brasília –UnB. Bacharela em Ciência Política pela Universidade de Brasília. Membro do Calundu -Grupo de Estudos sobre Religiões Afro-brasileiras e integrante do Corpo Editorial da Revista Caderno Virtual. Atualmente trabalha como Gestora Acadêmica no Instituto Brasileiro de Desenvolvimento e Pesquisa – IDP. Endereço eletrônico: ariadnebasilio@gmail.com.

Introdução

Embora muito se tenha produzido na seara acadêmica no Brasil sobre as religiões afro-brasileiras, ainda existe uma limitação na oferta curricular de seus conteúdos e na criação de espaços de debate, o que fomentaria saberes e ações, voltados ao respeito à diversidade religiosa e ao ensino da cultura e história dos grupos africanos e indígenas no Brasil (em consonância com as leis 10.639/03 e 11.645/08).

Foi no vão deixado por essas ausências e nas críticas recebidas durante as bancas de qualificação do mestrado e do doutorado de dois dos fundadores do Grupo Calundu, que surgiu a ideia de criar um grupo de estudos sobre afroreligiosidade brasileira que atendesse às demandas do corpo discente, muitas vezes direcionado a trabalhar com uma literatura defasada e/ou dissonante em relação às práticas cotidianas dos terreiros.

Sabedoria de terreiro se aprende desde antes de se tornar um/a iniciado/a e um ponto importante dessa sabedoria é compreensão de que o coletivo está acima do indivíduo. Foi a partir da noção de que juntos os indivíduos são mais fortes que nossos amigos e amigas começaram a conversar com colegas de pós-graduação ligados/as às religiões afro-brasileiras e interessados/as nos temas afro-religiosos. A partir do interesse genuíno de quem pesquisa direta e/ou indiretamente tais religiões o grupo Calundu começou a tomar corpo.

Logo no primeiro ano, em 2016, foi possível notar a diversidade da área de formação das/dos integrantes: sociologia, ciência política, história, antropologia, relações internacionais, letras, filosofia, direito, arquitetura, dentre outras, são graduações nas quais iniciamos nossas carreiras acadêmicas. Hoje, o grupo iniciado com apenas uma doutora em antropologia é composto por uma maioria de mestres/as, doutorandos/as e doutores/as, baseados/as não exclusivamente na Universidade de Brasília, como também fora da universidade da capital e até do país.

Sobre o caminho dos/as integrantes do grupo é importante lembrar de estadias em países como França, México e Alemanha durante o doutoramento, não para um elogio vaidoso, mas para que o público leitor compreenda a qualidade e a seriedade das pesquisas realizadas pelo corpo compositor do grupo, um grupo nascido de angústias e questionamentos individuais que encontrou seu aporte na coletividade múltipla de seus pares. Tamanha pluralidade composicional nos permite reconhecer o Grupo de Estudos

Calundu como um espaço inter/trans/multidisciplinar de estudos sobre religiões afro-brasileiras.

Ainda sobre a integração do grupo, é importante lembrar que desde o início nem todos estávamos ligados à Universidade de Brasília (UnB), um importante dado fortalecedor da ideia de criar um grupo não apenas de estudos, mas também de extensão. Isso porque a temática de estudos não é de interesse exclusivo do ambiente acadêmico, a maioria da população de terreiro não está dentro das universidades, e entendemos que não há qualquer possibilidade de falar de qualquer tema sem que os maiores interessados façam parte do debate. Para além disso, o grupo tem em seu cerne a proposta de apresentar um olhar desde dentro dos terreiros para combater estereótipos advindos de preconceitos como racismo, sexismo, machismo, misoginia, etarismo, preconceito de classe etc., assim como a intersecção entre todos eles.

O nome Calundu surgiu após amplo debate do recém-formado grupo sobre a maneira mais adequada de lidar com a diversidade afrorreligiosa da qual vinha cada integrante: Candomblé de Angola, Candomblé de Ketu, Umbanda, Tambor de Mina, culto familiar. Enquanto coletividade acreditamos na possibilidade de lidar com as diferenças sem cair nas armadilhas contemporâneas de ordenar e, conseqüentemente, atribuir valores maiores ou menores ao que tem apenas a diferença como marcador na vida prática.

Após a leitura de alguns textos iniciais o grupo encontrou a palavra Calundu, termo capaz de traduzir o conjunto de religiões afro-brasileiras - e com isso queremos enfatizar a troca de saberes e práticas indígenas e africanas em um primeiro momento, uma vez que indígenas e suas contribuições para a formação do Brasil costumam ser sumariamente apagadas, um erro que pretendemos não repetir. O termo calundu foi empregado como referência aos rituais afrorreligiosos, permeados por influências indígenas, antes de as religiões afro-brasileiras se estruturarem na forma como se apresentam contemporaneamente.

Assim, Calundu pareceu-nos um nome adequado ao grupo que se formava, no qual o conjunto das religiões afro-brasileiras existentes e praticadas por alguns dos/das integrantes dialogam entre si sem que nenhuma religião se sobreponha às demais ou fique à sombra das outras. Calundus, como as primeiras manifestações afro-ameríndias do Brasil colonial - e seu caráter polissêmico de significar também o rosto dos religiosos em momento de transe, assim como no uso coloquial se referir à seriedade e mau-humor

aparentes no momento do transe - se mostrou o termo mais adequado para nomear trabalho ao qual decidimos nos empenhar.

O projeto Calundu

Inicialmente vinculado à linha de pesquisa *Feminismo, relações de gênero e de raça*, do departamento de Sociologia da UnB, no ano de 2016, e tendo à frente pós-graduandos/as e graduandos/as da universidade que desenvolviam e ainda desenvolvem pesquisas na área de afroreligiosidade, o projeto se diferencia desde o início por apresentar características peculiares como gerência pelo próprio corpo discente, orientado pela professora Tânia Mara Campos De Almeida (Sol-UnB), os já citados olhar desde dentro dos terreiros sobre a temática afroreligiosa e formação múltipla dos/as componentes.

Nossa proposta inicial de trabalho se insere no espírito e vocação da Universidade de Brasília em relação ao acolhimento das demandas comunitárias, que aproximam o campus universitário das comunidades plurais da região do Distrito Federal. Sobre o empoderamento comunitário assim produzido, Elioenai Alves e Maria Serpa (2008:159-160) observam:

A Universidade de Brasília (UnB) tem nos registros de sua história a marca de um compromisso com a extensão universitária, bem como das lutas históricas das classes trabalhadoras, incluindo as buscas pelo estabelecimento de políticas públicas voltadas para a melhoria da qualidade de vida da população residente em sua área de abrangência.

Na agregação de valores, a partir do diálogo da academia com a comunidade não acadêmica, nosso recorte específico se dá a partir das religiões afro-brasileiras, conforme Carvalho (1999: 80):

As religiões afro-brasileiras, porque carregam consigo uma experiência mais longa de marginalidade social, já produziram uma textualidade sagrada que comenta, não apenas o sincretismo e a hibridação simbólica, como também o confronto de crenças e o diálogo inter-religioso transferidos para a arena pública.

Ou seja, as práticas das religiões afro-brasileiras já carregam proposta dialógica e de pluralidade pedagógica, via saberes construídos dentro do campo inter-religioso, um

instrumento de reflexão dos atuais debates sobre Estado laico e direitos humanos no enfrentamento à intolerância religiosa e na garantia da cidadania plena, em permanente diálogo com áreas acadêmicas estratégicas (Silva Jr., 2008), mesclando-se saber religioso tradicional e conhecimento acadêmico e jurídico.

O Grupo Calundu se define, portanto, como um espaço multidisciplinar e intercultural, que visa criar debates produtivos entre comunidade acadêmica e comunidades religiosas plurais de matriz africana e indígena, seguindo uma pedagogia da interculturalidade e da diferença, no sentido de nele haver presença de diferentes vozes, conforme Mônica Almeida (2009:108):

A presença de diferentes “vozes” que expressam diversas culturas nas instituições de ensino formal, em seus diferentes graus, provoca novas questões e estimula o aprofundamento na perspectiva multi/intercultural. Tais perspectivas trouxeram para o campo da educação uma série de questões sobre os centrismos culturais, a seleção de conteúdos curriculares que privilegia alguns saberes e omite outros, o respeito às diferenças étnicas e culturais, a valorização da pluralidade de experiências culturais dos chamados grupos marginalizados social e culturalmente. Além disso, essas abordagens questionam os sistemas educacionais enquanto espaços monoculturais e propõem a realização de profundas mudanças nesses sistemas através do desenvolvimento de atitudes, propostas curriculares e pedagógicas que sejam sensíveis à diversidade cultural. Nessas perspectivas, educadores/as e instituições são chamados a redimensionar suas propostas educativas, ressignificar seus currículos e práticas, suas formas de avaliação, de modo que a sensibilização para diversidade cultural possa ser incorporada, positivamente, nos sistemas de ensino para que as diferentes ‘vozes’ e manifestações culturais se façam presentes.

Assim, entender e debater diferenças são ações educativas, o que Carla da Silva e Marcos da Silva (2012:52-3) veem como combate à visão distorcida da multiplicidade cultural:

Portanto, torna-se necessário repensar a prática pedagógica, de forma que as identidades não sejam fixadas (nós X eles), hierarquizadas, naturalizadas, mas, sim, de maneira que seja possível questionar a forma de perpetuação dessas representações. Em um ponto específico, é preciso questionar a forma como as culturas africanas e afro-americanas vêm sendo representadas em sala de aula e nos livros didáticos, além de outros espaços de produção cultural, como mídia, filmes, jornais. É preciso conceber uma prática pedagógica em que o aluno possa explorar novas possibilidades de pensar o outro como diferente e, mais ainda: possibilitar a ele esta diferença, sem querer conformar e entender a sua cultura a partir dos parâmetros da minha cultura, compreender a outra cultura pela sua multiplicidade.

Pretendemos proporcionar um campo teórico e prático de aprendizado em que academia e comunidade pensem e desenvolvam mecanismos de respeito a esta diferença.

E para além dela, o recorte das religiões afro-brasileiras também traz, em específico, o debate de diversas desigualdades (relações transversais e interseccionais). Assim, as religiões afro-brasileiras, em seu protagonismo tradicional de mulheres negras, trazem reflexões sobre modos de resistência, conforme Helena Theodoro (2008:92):

Por meio de sua fé e seu axé, essas mulheres conseguiram trazer até nossos dias imagens sacralizadas de seu passado, que se volta para a mitologia africana e aponta insistentemente, por meio da tradição oral, as estratégias mais diversas de insubordinação simbólica que lhes possibilitam criar mecanismos de defesa para a sobrevivência e a manutenção de seus traços culturais de origem. A mulher negra se estrutura como uma pessoa que toma a si a responsabilidade de manter a unidade familiar e a coesão grupal e de preservar as tradições grupais e religiosas de seu grupo, em função da nova realidade que a opressão econômica e a discriminação racial pós-Abolição criaram no seio da sociedade brasileira.

Nossa proposta de discussão e atuação na sociedade também se dá no contexto de como o/a “pesquisado/a” das religiões afro-brasileiras poderia, “passando do papel de personagem para o de leitor” conforme explica Vagner Gonçalves da Silva (2000:14), discutir as representações que os/as pesquisadores/as fazem dele/a: “Nesse caso, o que os grupos estudados têm a dizer sobre as imagens transmitidas pela etnografia? Como avaliam o processo de inserção dos antropólogos e quais as consequências que o discurso científico tem, efetivamente, sobre suas práticas sociais?”.

O Grupo Calundu reúne em grande parte de seus integrantes os dois lados da pesquisa de campo (pesquisador/a e “observado/a”/ sujeito da pesquisa), o que aprimora o diálogo com a comunidade afrorreligiosa em caráter extensionista, inserindo-se numa discussão histórica e geopolítica mais ampla via a perspectiva teórica da decolonialidade (e.g. Quijano, 2005; Grosfoguel e Mignolo, 2008; Lugones, 2008) e via o estudo de revisão histórica e de reescrita dos estudos afro-brasileiros, partilhando sentido semelhante ao da revisitação do passado na ficção afro-brasileira (Duarte, 2015: 167):

A revisitação do passado como senha para a busca daqueles recônditos ocultos nos discursos estabelecidos; esforço de compreensão da dinâmica histórica desde os começos até as heranças vivas no presente, em sua concretude material, social e, também, subjetiva; olhar indagador sobre aquele continente emudecido pelo tempo em busca de seus porquês, na pista dos porquês de agora.

É preciso se desenvolver um novo olhar, autóctone e crítico à escravidão brasileira, tendo como partida quem a sofreu, situando as expressões simbólicas e materiais do povo afroameríndio escravizado – religiosidade, inclusive – como resultado

de resistências, jamais reminiscências de um passado decadente; e entender o momento em que foram produzidas as pesquisas revisitadas. O que e o como se produz também fala sobre os/as autores/as da religião e, sendo elaborado por quem transita entre as religiões afro-brasileiras e as pesquisas acadêmicas, possibilita ressignificações com grandes contribuições para a universidade, para as comunidades religiosas e a sociedade em geral. Ser pesquisador/a e também sujeito pesquisado (SCHERRE, 2015) de uma investigação científica traz perspectivas distintas da produzida pelos estudos alvo de nossos debates: capacita-nos a criticar posturas eurocentradas de preconceito contra culturas afro-ameríndias e a reinterpretar informações capazes de remontar uma história que, sem tais estudos, não o poderiam ser, à luz das perspectivas contemporâneas. Auxilia-nos a re-experienciar, como coletivo acadêmico e com vínculos religiosos, universidade e comunidade, re-elaborando saberes, práticas e materiais a partir de um ponto de vista pouco experimentado e publicado no Brasil.

Objetivos e ações realizadas pelo Calundu ao longo de 5 anos

Nós, do Calundu, elaboramos metas bem traçadas e definidas:

Nossos objetivos gerais são, ampliar, aprofundar e difundir o conhecimento sobre as religiões afro-brasileiras dentro e fora do espaço acadêmico, contribuindo para o avanço e para a consolidação de práticas, reflexões e noções éticas no campo dos Direitos Humanos na sociedade brasileira. Buscamos alcançá-los por meio de atividades específicas:

1. Realização de encontros quinzenais sobre temas de religiões afro-brasileiras, que incluem estudos de revisão histórica dos estudos afro-brasileiros, e debates sobre questões contemporâneas vinculadas à afroreligiosidade, abertos à comunidade acadêmica e externa.
2. Organização de seminários, jornadas, encontro com pesquisadoras/es e eventos culturais em parcerias com a comunidade.
3. A edição da Revista Calundu (<https://calundu.org/revista/>), periódico eletrônico na área das Ciências Humanas, com a temática geral afroreligiosa, trabalhada semestralmente por meio de números temáticos. Os textos publicados são divididos em três grupos: (1) artigos acadêmicos; (2) resenhas de livros recentes (publicados há no máximo 3 anos) ou antigos (públicos

há, pelo menos, 60 anos); e (3) textos livres com caráter extensionista, produzidos pela comunidade afroreligiosa, acadêmica ou não, de autoria própria ou de autoria de terceiros, manuseando e reelaborando material original de caráter religioso (entrevistas, ensinamentos orais, discursos, palestras etc.).

Reuniões periódicas

O Calundu nasceu, como descrito anteriormente, da necessidade de acadêmicos e acadêmicas afroreligiosos/as discutirem e criarem referências acadêmicas além das estabelecidas e corriqueiras análises antropológicas e, por vezes distorcidas, análises das religiões afro-brasileiras. Com isso, uma das primeiras ações do grupo foi estabelecer um cronograma de estudos de textos, livros e artigos que abordassem uma ou várias religiões afro-brasileiras. Nesse sentido, estabelecemos o cronograma de encontros quinzenais para discussões dos textos selecionados. Nessas reuniões quinzenais, abertas para a comunidade acadêmica e para a comunidade externa, um/a integrante se prontifica a apresentar pontos relevantes para o debate de um texto previamente escolhido, conduzindo, assim, a reunião e a discussão.

Para a realização de tal trabalho, iniciamos buscando uma ordem cronológica das publicações de artigos, livros e textos que tinham como foco as religiões afro-brasileiras com o intuito de revisitar estes textos e autores, entendendo sua inserção sócio-histórica e as formas como tais religiões eram abordadas e compreendidas. Após uma extensa pesquisa, o mais antigo que tivemos acesso, foi *O Fetichismo dos Negros do Brazil*, de Padre Étienne Ignace Brazil (1911), cujo conteúdo era extremamente racista e evolucionista, baseando toda a análise sob sua ótica cristã.

É interessante pontuar que foi a partir deste trabalho de revisitação em que se tornou nítida a percepção, inclusive cronológica, das bases da construção de ideias e afirmações que consolidaram o que se denomina de nagocentrismo.

O nagocentrismo é a crença de que, dentre as religiões afro-brasileiras, o Candomblé Ketu/Nagô é sinônimo de pureza e autenticidade e alguns dos expoentes que auxiliaram na construção e prolongação dessa abordagem são: Raimundo Nina Rodrigues, Edson Carneiro, Arthur Ramos e Edson Carneiro (NOGUEIRA, 2019). Dentro dessa forma de compreender as religiões afro-brasileiras, o Candomblé Ketu é

considerado mais puro, por sua associação direta com os cultos africanos e, portanto, estaria hierarquicamente acima das demais religiões afro-brasileiras.

A diversidade das religiões afro-brasileiras representadas pelos/as integrantes do Calundu foi fundamental para estabelecer um rechaço ao nagoentrismo ao mesmo tempo em que compreendia que a expressão desta vertente decorre de uma leitura ocidentalizada e eurocêntrica em que está presente a necessidade de classificação e hierarquização justificada através de dualidades maniqueístas.

Esse início marcante para o grupo deu o tom de toda a construção do pensamento e das reflexões desenvolvidas pelo Calundu até os dias atuais em que seguimos com as reuniões quinzenais, alternando entre leituras antigas e mais atuais, trazendo sempre uma percepção crítica a trabalhos que buscam a hierarquização entre as religiões afro-brasileiras e a invisibilização das contribuições e influências indígenas dentro destas religiões.

Encontros Calundzeiros e demais eventos

Para além dos encontros quinzenais para discussão de textos com a temática afro-religiosa, como descrito anteriormente, o Grupo Calundu buscou uma maior integração entre a comunidade acadêmica e a comunidade externa e isso foi possível através do desenvolvimento do caráter extensionista do grupo. O Grupo segue perseverando na realização de uma série de ações com a participação de estudantes da UnB de graduação, pós-graduação, egressos e comunidade externa, especialmente a comunidade de religiões afro-brasileiras. A prática extensionista é desenvolvida no sentido de romper com a cultura normativista dominante e implementar uma perspectiva crítica sobre a extensão, que privilegia o diálogo multidirecional entre sociedade e universidade (Freire, 1985), a partir da aproximação entre estudantes, saber/fazer universitários e a sociedade.

As ações extensionistas se referem à realização de debates ampliados sobre a temática afrorreligiosa, incluindo eventos acadêmicos, como seminários, simpósios, mesas redondas, eventos culturais e a realização de material educacional para formação de docentes e interessados nesta temática. Os debates ampliados com frequências semestrais contam com a presença de pesquisadoras/es e com a participação da comunidade externa no diálogo sobre o tema. Os debates vêm sendo realizados na universidade, sem excluir espaços da própria comunidade, e das comunidades

afrorreligiosas abertas ao Grupo. A organização destes é realizada, quando possível, em parcerias com outros coletivos, grupos de estudos e instituições.

Nosso primeiro encontro com caráter extensionista foi organizado com especialistas na temática que, por sua vez, culminaram em um evento na Semana Universitária UnB de 2016, denominado Encontros Afrorreligiosos, sobre “intolerância e racismo religiosos” e “a solidariedade entre povos de terreiros”. Nesse evento, contamos com acadêmicas/os, lideranças religiosas e um público que superou em número e em interesse as expectativas da organização, comprovando a importância da abordagem sobre as religiões afro-brasileiras dentro e fora da comunidade acadêmica.

No segundo ano (de 2017 a 2018), já com a formalização do Projeto de Extensão Diálogos Comunitários Calunduzeiros (projeto original junto ao DEX – Decanato de Extensão da UnB), continuamos realizando palestras com lideranças religiosas, bem como debates durante a Semana Universitária, os Encontros Afrorreligiosos que seguem ocorrendo de forma anual.

Entre as atividades extensionistas, realizamos o lançamento do livro *Terecô de Codó: uma religião a ser descoberta* (2016), a partir de uma conversa aberta ao público com o autor Cícero Centriny. Em 2017, o Grupo Calundu participou da Marcha pela Integridade dos Terreiros, oportunidade em que redigimos uma carta que foi apresentada aos deputados e deputadas federais através da leitura dela em plenária. Ainda em 2017, em novembro, fomos convidados para participar como expositores/as no painel: Direitos Humanos e Diversidade Religiosa, no Encontro Nacional de Direitos Humanos. Em 2019, tivemos o ingresso de uma de nossas integrantes no Comitê de Diversidade Religiosa do Distrito Federal para atuação no biênio 2019-2021.

Por fim, em dezembro de 2019 o Grupo Calundu participou, por meio de quatro de suas/seus integrantes, da Primeira Conferência Continental de Estudos Afro-Latino-Americanos, realizada na Universidade de Harvard, pelo Instituto de Pesquisas Afro-Latino-Americanas ALARI. Um painel com trabalhos foi proposto pelas/os integrantes do Grupo Calundu e foi aceito pela organização do evento.

Além disso, ainda na seara da extensão, demos início à elaboração de material didático para o diálogo com escolas e pesquisadores/as, apoiados/as pelos encontros que discutem e revisitam referências bibliográficas de nossa temática, com o intuito de auxiliar as/os docentes no ensino das temáticas afro-brasileiras e indígenas, como preconizado pelas leis 10.639/03 e 11.645/08. O material didático foi elaborado e experimentado por professores do Ensino Médio que participaram de encontro presencial

com integrantes do grupo, aplicaram-nos em aulas nas escolas onde lecionam e enviaram feedback sobre os resultados obtidos (2018 a 2019). Hoje, os planos de aula se encontram disponíveis gratuitamente na página virtual do grupo para que professoras/es e escolas possam fazer uso dele.

As atividades descritas acima são algumas das atividades desenvolvidas pelo Grupo Calundu e seus/ suas integrantes evidenciando que o grupo adquiriu reconhecimento dentro e fora da Universidade e segue, portanto, importante por se propor a atuar nas lacunas que a grade curricular ainda não consegue preencher e na articulação com a sociedade em geral.

Revista Calundu

A terceira ação listada, a revista Calundu, busca um caráter mais aberto e extensionista, construída não somente a partir de artigos acadêmicos sobre o tema, mas também a partir de entrevistas e de manifestações de integrantes das religiões afro-brasileiras, de textos livres produzidos pela comunidade afroreligiosa, acadêmica ou não, de autoria própria ou de terceiros, trabalhando com material original de religiosos, além de resenhas de livros.

O periódico elaborado se insere na área das Ciências Humanas e versa sobre assuntos da temática geral afroreligiosa. A editoria da revista estabeleceu uma periodicidade semestral e, após dois números com textos elaborados pelo Grupo Calundu e por colaboradores, abriu para chamadas externas. A publicação on-line está na plataforma da Biblioteca Central da Universidade de Brasília, com comissão editorial composta por membros do Grupo e professores convidados ligados à temática e reconhecidos internacionalmente, São eles/elas: Dr. Ariovaldo de Lima Alves, Professor Titular UNEB; Dr. José Jorge de Carvalho, Professor Titular da UnB; Dra. Karina Bidaseca, Professora da UBA – Argentina; Dr. Luís Ferreira Makl, Professor da UNSAM – Argentina; Dra. Rita Laura Segato, Professora Emérita da UnB; Dra. Yissel Arce Padrón, Professora da UAM-X – México.

Após os dois números inaugurais, tem contado com uma equipe de pareceristas para adequar o periódico aos critérios das agências de publicação de manuscritos científicos. Em seu quinto ano de existência, a Revista Calundu já publicou 9 edições, sendo está a décima revista publicada, sendo estes os temas e a ordem de publicação:

1. Gira Epistemológica – 1º semestre de 2017
2. Gira em Expansão – 2º semestre de 2017
3. Discriminação, Intolerância e Racismo Religioso – 1º semestre de 2018
4. Pluralidade Afrorreligiosa – 2º semestre de 2018
5. (Re)Existência: relatos sobre existência e resistência afrorreligiosa – 1º semestre de 2019
6. (Re)Existência que continua – 2º semestre de 2019
7. Mães de Santo e Mulheres de Terreiro – 1º semestre de 2020
8. Gira Epistemológica: ciência da macumba e outras encantarias – 2º semestre de 2020
9. Calunduzando a Academia: 5 anos de revista Calundu – 1º semestre de 2021
10. Epistemologias Calunduzeiras: experiência e pesquisa do Grupo Calundu: edição comemorativa de 5 anos Revista Calundu – revista atual.

Neste período, até a nona publicação, contamos com 51 artigos acadêmicos, 27 textos livres e 10 resumos e resenhas.

A comunidade afrorreligiosa e demais interessados têm mantido participação e envolvimento ativo em todas as atividades, contribuindo nos debates dos encontros periódicos, realizando em conjunto seminários e eventos. Vêm ainda sendo difundidas suas pautas, ideias e conhecimento a partir do periódico e textos na página do grupo.

Considerações Finais

Inserido na contemporaneidade, o Grupo Calundu não está alheio as alterações que o contexto atual nos impõe. A mudança na forma de se relacionar em um mundo afetado pela pandemia de Covid-19 incidiu nas formas como o grupo se reorganizou para seguir suas atividades. Nesse período os encontros se tornaram virtuais e, apesar das dificuldades impostas pelo isolamento social, um público maior e mais diverso foi alcançado, com reuniões públicas a partir da ferramenta gratuita *Google Meet*.

Nesse contexto, as comunidades afrorreligiosas também tiveram que se adequar às medidas impostas e pudemos conhecer uma outra forma de interação através de nossa proximidade com essa comunidade, assim como por meio da realização do **VI Encontros**

Afrorreligiosos: o povo de santo e suas estratégias de sobrevivência em meio à pandemia.

Ademais, com o crescimento do grupo e consolidação do nosso trabalho, podemos contar hoje com a presença e trabalho de um bolsista e uma bolsista extensionistas que auxiliam no desenvolvimento das atividades realizadas pelo grupo. Esse crescimento e novo formato de interação contribuiu para reorganização de nossas demandas, formas de atuação, dinamicidade e alcance. Como os Calundus de sempre, o grupo se inventou e segue se reinventando. Está nisso nossa potência: seguir mantendo nosso projeto vivo e forte, mesmo com as adversidades, internas e externas.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Monica Andréa Oliveira. Perspectiva multicultural em educação: uma aproximação. In: GONÇALVES e LIMA, A. C.; OLIVEIRA, L. F. de; LINS, M R. F (orgs). *Diálogos Interculturais, Currículo e Educação: experiências e pesquisas antirracistas com crianças na educação básica*. Rio de Janeiro: Quartet: FAPERJ. 2009.

ALVES, Elioenai Dornelles; SERPA, Maria da Glória Noronha. O Controle Social e a Comunidade: repensando as práticas educativas para um processo de construção coletiva. In: MOURA, Leila Barroso Azevedo (org.). *Empoderamento Comunitário: uma proposta de enfrentamento de vulnerabilidades*. Brasília: Letras Livres, 2008.

BRAZIL, Étienne Ignace. O Fetichismo dos Negros do Brazil. In: *Revista do IHGB*. Rio de Janeiro: IHGB, T. 74, v. 124, p. 193-160, 1911.

CARVALHO, José Jorge de. Uma querela de espíritos: para uma crítica brasileira do suposto desencantamento do mundo moderno. In: *Sociedade e Estado, Novos Movimentos Religiosos*. Vol. XIV, número 1, jan-jun., pp. 63-87. Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília, 1999.

DUARTE, Eduardo de Assis. Margens da história: a revisitação do passado na ficção afro-brasileira”. In: SISCAR, Marcos; NATALI, Marcos (orgs). *Margens da democracia: a literatura e a questão da diferença*. Campinas/São Paulo: Editora da Unicamp/Editora da USP, pp. 167-189, 2015.

FREIRE, Paulo (1985). *Extensão ou Comunicação?* Rio de Janeiro: Paz e Terra.

GROSGOUEL, Ramón, MIGNOLO, Walter. Intervenciones Descoloniales: una breve introducción. In: *Revista de Humanidades Tabula Rasa*. Bogotá: Universidad Colegio Mayor de Cundinamarca, n. 9, pp. 29-37, jul-dez, 2008.

LUGONES, Maria. “Colonialidad y Género”. In: *Revista de Humanidades Tabula Rasa*. Bogotá: Universidad Colegio Mayor de Cundinamarca, Nº 9, pp. 131-152, jul-dez, 2008.

NOGUEIRA, Guilherme Dantas. “Tradição Calunduzeira: um conceito diaspórico.” In: *Arquivos do CMD*, Volume 8, N.2. Jul/Dez 2019.

QUIJANO, Aníbal. (2005). “Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina”. In: LANDER, Edgardo. *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas*. Buenos Aires: CLACSO, Colección Sur Sur, set., pp. 227-278, 2005.

SCHERRE, Paula Pereira. “E Quando Pesquisador E Pesquisado São A Mesma Pessoa? reflexões epistemo-metodológicas à luz da complexidade e da transdisciplinaridade”. In: *Terceiro Incluído*. UFG, v.5, n.1, Jan./Jun., p. 263-286, Artigo 92, 2015.

SILVA, Carla Fernanda da; SILVA, Marcos Rodrigues da. Mitos e Culturas Afro-Brasileiras como Prática Pedagógica da Diferença. In: NOGUEIRA, J. C.; NASCIMENTO, Tânia T. do. (orgs). *Patrimônio Cultural, Territórios e Identidades*. Florianópolis: Atilênde.2012.

SILVA Jr., Hédio. A Intolerância Religiosa e os Meandros da Lei. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (org.) *Guerreiras de natureza: mulher negra, religiosidade e ambiente*. São Paulo: Selo Negro. (Sankofa: matrizes africanas da cultura brasileira; 3), 2008.

SILVA, Vagner Gonçalves da. *O Antropólogo e Sua Magia: trabalho de campo e texto etnográfico nas pesquisas antropológicas sobre religiões afro-brasileiras*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

THEODORO, Helena. Mulher Negra, Cultura e Identidade. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (org) *Guerreiras de natureza: mulher negra, religiosidade e ambiente*. São Paulo: Selo Negro. (Sankofa: matrizes africanas da cultura brasileira; 3), 2008.

Recebido em: 09/11/2021

Aprovado em: 23/11/2021